

MANIQUEÍSMO: RELIGIÃO, SEITA, OU HERESIA?

JOANA PAULA PEREIRA CORREIA*

Resumo: Até o século XIX pouco se conhecia a respeito do Maniqueísmo, religião fundada por Mani em 230. Até então os poucos estudos eram baseados em fontes indiretas, em sua maioria de adversários. Após a descoberta de fontes diretas o estudo do maniqueísmo dentro da História das Religiões ganha destaque. Sendo estudado como uma religião, o Maniqueísmo desperta curiosidade por convergir elementos gnósticos, cristãos, budistas e zoroastrianos. Neste trabalho, buscaremos analisar as mudanças de perspectiva no estudo do maniqueísmo de forma a compreender seu lugar no campo das religiões assim como sua aproximação com o cristianismo.

Palavras chave: Mani, Maniqueísmo, Religião, gnosticismo, Cristianismo

Doutrina fundada por Mani em 230, o maniqueísmo teve uma grande expansão durante a Antiguidade chegando a Pérsia, Índia, China, Turquestão, Síria, Sibéria, Egito, Cartago e Roma. O maniqueísmo, assim como outros gnosticismos, buscava explicar a origem do mal no mundo. Para tanto, pensava no mundo de forma dualista sendo gerido por dois princípios, um bom e outro mal, que estavam em luta. Tudo era explicado pela oposição entre os princípios, desde a criação do mundo (cosmogonia), a criação do homem, a moral e o juízo final.

Até o século XIX o maniqueísmo era conhecido apenas pelas obras de seus adversários. Entre seus antagonistas pode-se citar desde filósofos neoplatônicos como Plotino (século III); os cristãos Agostinho de Hipona e Evódio, bispo de Uzala (século IV); pensadores cristãos gregos, como Severo de Antioquia (século VI) e João Damasceno (século VIII); o filósofo pagão neoplatônico convertido ao Cristianismo: Mario Victorino (século IV); sírios como Santo Efrém (século IV) e Teodoro bar Kōnai, bispo de Kashkar (século VIII); até refutação do mundo islâmico como os historiadores de língua persa Djahiz (século IX) e Ibn al-Nadim (século X) e o escrito árabe al-Fihrist de al-Nadim (COSTA, 2003: 19).

* Mestranda em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo. Agência financiadora: FAPES

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

Dentre estes adversários o Bispo de Hipona, Agostinho, recebe um grande destaque, por ter sido maniqueu durante nove anos e por ter uma vasta literatura de combate. Em seus escritos é comum mencionar a reivindicação maniqueísta de serem verdadeiros cristãos, delegando a Igreja Católica o título de “pseudocristão”. O maniqueu se considera como cristão perfeito por cumprir verdadeiramente o Evangelho por meio de sua moral ascética rígida e por considerarem as obras, enquanto os cristãos a fé (DE LUIS, 1986: 12). Acusações estas que o hiponense rebate e acrescenta que as concepções de Mani não passam de “fábulas persas” revestidas de uma superficial camada de cristianismo de forma a enganar os incautos e conseguir mais fiéis (RUBIO, 2007: 68).

No início do XX uma série de descobertas de fontes diretas fez com que o estudo do maniqueísmo fosse revisado. Dentre as descobertas mais importantes, devido à quantidade, estão textos redigidos em dialetos das línguas iraniana, turca e chinesa, chamados de *Turfan*, por terem sido descobertos nesta região que fica a noroeste de Xinjiang (também conhecido como Turquestão chinês). Parte deste corpo de textos ainda não foi publicada. Em 1919, na Argélia foram descobertos textos anteriores ao século V em língua latina que falam da relação entre os iniciados e os não iniciados no Maniqueísmo. Já em 1930, no Médio Egito, foi encontrado um bloco de papiro, contudo, parte desta descoberta foi perdida durante a Segunda Guerra Mundial (COSTA, 2003: 20-21).

Dois questões norteiam o debate sobre o maniqueísmo: é uma seita, uma heresia ou uma religião? Qual a influência do Cristianismo no Maniqueísmo? Inspirados por estes questionamentos e pela disponibilidade das fontes, a historiografia a respeito do maniqueísmo pode ser dividida em três grandes momentos: até o século XVIII, no qual era estudado pelos heresiólogos os quais arraigados aos valores cristãos o percebiam como uma heresia; do século XIX ao XX quando passa a ser pesquisado dentro da história das religiões, assim, o maniqueísmo passa a ser percebido como uma religião autônoma; e por último a partir do século XX, com a descoberta de novas fontes, que impulsionam as pesquisas e possibilitam a obtenção de uma percepção mais abrangente (RUBIO, 2007: 70).

O caráter universalista do maniqueísmo e sua rápida expansão atraiu o interesse tanto de adeptos quanto de adversários de várias religiões. Os cristãos, em especial, acusavam Mani de ser um impostor, que se apresentava como enviado de Jesus. Até o século XVIII os estudos sobre o maniqueísmo se mostraram bastante parciais e permeados pelas opiniões dos escritos

anti-maniqueus de Agostinho. O maniqueísmo era percebido como uma doutrina estranha ao mundo cristão, mas que apelava a Jesus e ao novo testamento como forma de angariar novos adeptos (RUBIO, 2007: 71-72). Outra característica marcante do período é o enquadramento de várias correntes dualistas e até protestantes sob a etiqueta de maniqueu. Marcionitas, paulicianos, bogomilos e cátaros, correntes gnósticas medievais, são denominados ou confundidas com o maniqueísmo. Não há uma clara distinção. E mesmo durante a Reforma, os católicos acusam os Protestantes de serem *manichaei redivivi*. Em sua defesa, os protestantes partem para o estudo do maniqueísmo e refutam tais ideias. O maniqueísmo se torna um objeto de estudo, impulsionando a publicação de fontes, em especial as orientais, inéditas até então, fornecendo uma nova perspectiva (RUBIO, 2007: 74). Estes primeiros pesquisadores, baseados nas fontes indiretas, reproduziram a visão preconceituosa dos heresiólogos, assim o maniqueísmo foi descrito como uma seita gnóstico-cristã ou uma heresia cristã (COSTA, 2003: 112).

De acordo com Rubio (2007: 74), a grande mudança de paradigma no estudo do maniqueísmo é a obra *Histoire critique de Manichée et du manichéisme* do historiador protestante Isaac Beausobre (1659 – 1738). Escrito em dois volumes, o autor deixa claro no prefácio sua intenção de compreender os acontecimentos da Reforma Protestante e, assim, parte em busca de momentos em que haja uma separação de uma sociedade crente da maioria da Igreja Grega e da Igreja Latina, ou a violência dos bispos em cisões. Para ele dois momentos são famosos e merecem destaque no ocidente: Valdenses e albigenses. Os dois grupos dissidentes são acusados de maniqueísmo, por isto, percebe a necessidade de compreender e diferenciar os grupos e de compreender o que é maniqueísmo de forma mais objetiva e sem prejulgamentos (BEAUSOBRE, 1734: 4-5).

Tal tentativa de imparcialidade de Beausobre é traída por sua interpretação do maniqueísmo como um protestantismo *avant la lettre*. Mesmo assim alguns aspectos são notáveis em sua análise. Mani deixa de ser descrito como um farsante e passa a ser exaltado como uma figura notável, e sua doutrina passa a ser digna de um estudo. Outra inovação, está em não restringir o maniqueísmo à influência cristã, mencionando que sua origem está no sistema dos magos sobre os princípios.

Beausobre foi bastante criticado por seus adversários cristãos que insistiam na tese de que o Maniqueísmo era uma seita ou heresia cristã. Para estes, não se podia duvidar do testemunho

dos autores eclesiásticos, assim Abate Bergier escreve em seu **Diccionario de Teologia**: “A Beausobre le ha parecido sin embargo bien contestar y paliar la mayor parte de los erros atribuidos á los maniqueos; acusa a los PP. de la Iglesia de haberlos ecsajerado con falso celo, y con el objeto de crearse el derecho de perseguir á aquellos herejes.” (1846: 249)

A partir do século XIX a religião de Mani deixa de ser estudada pela heresiologia e passa para o âmbito da História da Religião, sendo percebido como um fenômeno religioso autônomo. O trabalho de Ferdinand Christian Baur (1792 – 1860) ganha destaque por considerar o maniqueísmo uma religião universal *sui generis*, muito além da simples combinação entre cristianismo e zoroastrismo. Reconhecendo a presença cristã no maniqueísmo, Baur rechaça a ideia de que se tratava de um engano mal intencionado, e afirma que tais elementos eram uma adaptação secundária, para tornar a doutrina mais acessível. Também inovou ao considerar a influência do Budismo e de religiões Indianas no maniqueísmo (RUBIO, 2007: 79-80).

Influenciados pela nova edição de fontes patrísticas e de historiadores árabes do século IX e XII e pela publicação de fontes siríacas, surgem em meados do século XIX novas pesquisas sobre o maniqueísmo. O orientalista Gustav Flügel (1802 -1870) se dedica a análise das fontes árabes, menos parciais que as cristãs e mais repletas de informações acerca da infância de Mani, sua ligação com uma seita batista e da influência de Marción e Bardesanis em sua doutrina. Flügel discorda de Baur quanto a influência de religiões Indianas no maniqueísmo e quanto a minimização da influência cristã (RUBIO, 2007: 82).

Já Konrad Kessler, também orientalista, enfatiza que o estudo do maniqueísmo deveria ser reservado ao orientalismo e a história das religiões. Sua ênfase está no nascimento de Mani na Babilônia, sendo assim, o maniqueísmo é compreendido como uma derivação de uma antiga religião mesopotâmica. A esta religião babilônica se juntaram elementos zoroastrianos, e budistas, sendo o cristianismo apenas um verniz. Devido à falta de fundamentação sólida suas ideias fora bastante criticadas (RUBIO, 2007: 82).

Kessler compreende que Mani traveste com aparência cristã suas ideias filosóficas e religiosas, não podendo ser compreendido simplesmente como uma heresia. Para estes autores, a incorporação do cristianismo é um elemento tardio necessário para a expansão da fé no Império Romano. A esta tese L.H. Grondijs acrescenta que os elementos cristãos no maniqueísmo são um simples revestimento para evitar a perseguição do Império (DE LUIS, 1986: 11).

Com a descoberta de novas fontes a partir início do século XX há um grande impulso no estudo do maniqueísmo. Com as novas fontes foi possível obter informações mais precisas sobre Mani e sua doutrina (COSTA, 2003:112) Segundo estes textos, Mani é uma personalidade profética, carismática e é bastante religioso. Também é possível observar nestas fontes a influência cristã no maniqueísmo, sendo Jesus uma figura constante, até mesmo em textos iranianos e asiáticos (RUBIO, 2007: 85).

Prosper Alfaric (1873 – 1955), historiador das religiões, publica em 1918 *Les Écritures Manichéennes*. Nesta obra o autor se empenha em demonstrar que o maniqueísmo foi fortemente influenciado por gnosos anteriores, como as doutrinas de Basilides, de Valentin, de Márcion e de Bardesanes (ALFARIC, 1918: 21). Além de ter incorporado textos evangélicos a sua doutrina, Mani também se utilizou de textos gnósticos anteriores (ALFARIC, 1918: 1). Para Alfaric (1918: 8), o maniqueísmo possui muitos pontos convergentes com estes grupos gnósticos como, por exemplo, certa aversão ao Judaísmo, um repúdio a matéria e a compreensão que a salvação da alma, está em uma conjunção mística entre ela e o Salvador. A crença em Cristo é para o maniqueísmo importante para a salvação, o que também é uma influência do gnosticismo de Marción e de Bardesanes (ALFARIC, 1918: 13).

Na contramão da influência cristã, Richard Reitzenstein (1861 - 1931) fala do maniqueísmo como uma seita oriental pré-cristã, uma gnose mítica de origem irânica que sofreu adaptações *a posteriori* se aproximando do cristianismo. Segundo a mesma tendência Hans Jonas (1903 - 1993) relaciona o maniqueísmo ao Mandeísmo, uma religião pré-cristã gnóstica influenciada por João Batista. (COSTA, 2003:113).

Adversário e ex-discípulo de Reitzenstein, Hans Heinrich Schaeder (1896 – 1957), enfatiza a relação ente o maniqueísmo e o cristianismo (RUBIO, 2007: 86). Waldschmidt e Lentz também percebem Jesus como figura central no maniqueísmo (COSTA, 2003: 113). Por outro lado, Hans Jacob Polotsky (1905 – 1991) mesmo admitindo a importância da figura de Jesus, pensa que os elementos cristãos não são essenciais ao sistema maniqueu. Para Polotsky, como Jesus havia vivido alguns séculos antes, Mani estava muito mais acostumado a ele que a Buda e a Zoroastro, além disto, durante a atividade missionária entra em contato com o cristianismo. Como elemento de propaganda, Jesus é essencial no maniqueísmo, contudo sua figura não é essencial para o sistema (RUBIO, 2007: 89).

A partir do estudo das novas fontes, contudo, tornou-se mais difícil manter a tese de que o

cristianismo era apenas um aspecto externo ou tardio ao maniqueísmo. Assim, Alexander Böhlig (1912 – 1996) mostra que Mani conhecia a religião cristã, contudo não conseguiu precisar que textos cristãos ele havia entrado em contato. Para Julien Ries (1920 – 2013), o elemento cristão ocupa um lugar central na liturgia maniqueísta, e apesar da aparência cristã o maniqueísmo está longe de ser uma heresia, tão pouco esta proximidade deve ser reduzida a pura estratégia maniqueísta para conseguir adeptos. Seguindo esta linha, Simone Pétrement afirma que o cristianismo estava na origem do maniqueísmo (DE LUIS, 1986: 12).

Henri-Charles Puech (1902 – 1986) percebe a influência de Paulo sobre Mani, para ele o prestígio do apóstolo havia se conservado na Ásia Central, e a prova disto são as citações de cartas de Paulo em escritos maniqueus (RUBIO, 2007: 93). Puech classifica o maniqueísmo como uma “Religião Universal” destacando quatro características (COSTA, 2003: 113).

O maniqueísmo é uma religião missionária. A propaganda maniqueísta é um dever para o fiel, pois este deve seguir o exemplo de Mani, que saiu pregando sua fé em busca de novos adeptos (COSTA, 2003:113). A divulgação do maniqueísmo faz parte do cumprimento do selo da boca. Pra cumprir esta exigência, os maniqueus realizavam debates públicos. Os principais alvos eram os cristãos *imperitti* e os pagãos. Já os intelectuais, como Agostinho, eram, muitas vezes convencidos devido a promessa de uma fé racionalizada (DE LUIS, 1986: 4 - 6).

Puech (1979: 223) o classifica como uma “religião do livro”. E diferente de outros fundadores religiosos, Mani faz questão de escrever sua doutrina, em siríaco. E mesmo para difundir sua doutrina em outros povos o próprio Mani traduz para línguas iranianas (pehelevita, parta, e outras). Não há um consenso de quantos livros Mani escreveu. Alfarcic (1918: 79) fala de um pentateuco. Costa (2003: 119), baseado em Gustave Bardy, menciona seis livros. Enquanto Pio de Luis (1986: 30) admitindo a possibilidade da existência de mais livros, diz que no Ocidente, e em especial na África, apenas foram conhecidos cinco livros. De Luis acrescenta que dificilmente as escrituras maniqueístas formariam um Pentateuco, como ocorre nas escrituras judaicas devido a aversão de Mani aos judeus.

De Luis (1986: 30) cita os seguintes títulos: ***Saburagan***, ***Evangelho Vivo***, ***Tesouro da Vida***, ***Livro dos gigantes*** e ***Livro dos mistérios***. A estes Costa (2003: 119) acrescenta ***Farakmatija***, além de mencionar a existência de um cânon não oficial composto de cartas, salmos, orações e hinos e o Livro das Imagens (um conjunto de quadros pintados por Mani explicando passagens de seus livros).

Decret (1974: 76) considera a existência de um heptateuco, pois, além dos seis títulos citados acima, considera a coleção de cartas como parte fundamental do cânon. Estas são difíceis de precisar o número, tem-se o conhecimento de 76 títulos que foram citados por autores ou encontrados (ALFARIC, 1918: 78). Os conteúdos são os mais diversos, variam desde recados para amigos, saudações a uma nova comunidade, anúncios de visitas, envio de uma de suas obras, e, outras, abrangiam a dimensão doutrinal esclarecendo pontos fundamentais da doutrina (COSTA, 2003:127). A mais conhecida é a **Do Fundamento** por ter sido combatida por Agostinho.

Decret (1974), Costa (2003) e Alfaric (1918) concordam que Mani escreveu nove obras (as sei citadas acima, acrescidas das cartas, do livro das imagens e dos Salmos) apenas discordam quando as que faziam parte do cânon oficial ou não. Os três autores concordam que o livro as imagens e os salmos eram acréscimos, valiosos e esclarecedores a doutrina, porém tratam estas obras mais como uma incursão literária e artística de Mani do que obras doutrinárias. As cartas por possuírem um conteúdo tão diverso, é o ponto de maior divergência entre os autores, como vimos.

Agrega-se a literatura maniqueísta as obras dos discípulos de Mani, escritas para ajudar na divulgação da doutrina e para esclarecer questões. Duas delas se tornaram conhecidas por terem sido refutadas por Agostinho, uma escrita por Fausto e outra por Admanto (DECRET, 1974: 76-77).

A terceira característica é a sua organização hierárquica. Ao escrever seu evangelho e organizar sua religião, Mani cuidou de preservar a união de sua igreja enquanto vivia, designando um sucessor (COSTA, 2003: 131). A igreja maniqueísta possuía uma estrutura hierárquica bem organizada, contando com duas categorias, os iniciados, espécie de clérigos, mais conhecidos como Eleitos, e os não iniciados, fieis, chamados de Ouvintes. Esta bipartição determinava não apenas o grau hierárquico, mas também a regra moral a ser seguida e o local que o indivíduo ocupa na escatologia (TARDIEU 2008: 58).

As regras morais seguidas pelos Ouvintes eram pouco rígidas. Eles podiam exercer funções públicas, ser comerciantes e até acumular riquezas, também podiam se casar, mas deviam evitar a concepção (DE LUIS, 1986: 66). Deviam renunciar a idolatria e proclamar o maniqueísmo, evitar dizer mentiras, blasfêmias e calúnias e evitar maltratar, ferir, bater,

torturar ou matar sem necessidade animais e vegetais. Deviam respeitar os Eleitos e preparar-lhes a comida. Jejuns e orações também eram recomendados (COSTA, 2003: 108-109). Em compensação sua salvação no dia do Juízo Final não era tida como certa, teriam que passar pelo tribunal (COSTA, 2003: 84).

Já os eleitos deviam obedecer a uma regra moral bastante rígida. Deviam cumprir os três selos: da boca, das mãos e dos seios. Assim, deviam controlar tudo o que entra e o que sai da boca, se abstendo de dizer mentiras, blasfêmias e perjúrio, assim como deviam professar o maniqueísmo; não deviam comer carnes, ovos e peixes e nem beber vinho. Segundo o selo das mãos deviam evitar várias atividades de forma a não violentar a substância divina, não podendo matar (homens, animais e vegetais), desta forma, não podiam trabalhar na agricultura e nem preparar alimentos; a posse de terra ou de qualquer outra riqueza (ou bem) lhes era vedada, deviam sobreviver da caridade dos ouvintes. Já o selo dos seios impedia que fizessem sexo e se casassem (DE LUIS, 1986: 66-67). Os Eleitos, como eram puros, sua substância divina conseguia voltar para o Reino da Luz (COSTA, 2003: 84).

Os Eleitos eram divididos de acordo com sua capacidade (conhecimento adquirido sobre doutrina) em quatro categorias hierárquicas, de baixo para cima: os Eleitos no sentido restrito, não havendo limite de componente, estes homens e mulheres viviam em monastérios separados segundo o sexo; os Administradores, recrutados entre os membros do clero, se encarregavam do culto litúrgico, de cuidar do cumprimento das regras e de cuidar da catequese do Ouvinte, seu número era limitado a 360, número correspondente a multiplicação dos dias do ciclo lunar (30) pelos 12 meses do ano do calendário solar; Ministros ou Governadores da igreja, são similares aos Bispos da Igreja Católica, tendo a função de ordenar sacerdotes, eram compostos por 72 membros, número de discípulos que Jesus enviou em missão; e por último, os Doutores, ou Apóstolos, em número de Doze, como os apóstolos de Cristo, estavam encarregados de ordenar os demais cargos, defender a doutrina, gerenciar a Igreja e cuidar de sua expansão. A cima de todos estava o Guia, o sucessor de Mani (TARDIEU, 2008: 58-60).

Por fim, a quarta característica é ser uma religião revelada, de caráter profético. Mani é o profeta, que veio revelar os três tempos, a verdade, a gnose (COSTA, 2003: 137). O maniqueísmo foi profetizado por Jesus, que em João, anuncia a vinda do Paracleto, do Consolador. Ou seja, de acordo com o ensinamento maniqueu, Jesus anuncia a vinda de Mani,

que trará toda a verdade (DE LUIS, 1986: 26).

Fica claro que, após a descoberta de novas fontes o Maniqueísmo deixa de ser tratado como uma heresia ou seita para ser reconhecido enquanto religião, sendo Mani uma figura de forte influência. A relação com o Cristianismo não é descartada, pelo contrário, passa a ser enfatizada. A presença do nome de Cristo nos escritos de Mani é constante. A cristologia ocupa um lugar central no maniqueísmo, o que não implica em considera-lo uma seita cristã, pois diferente de outros, como o arianismo, possui divergências quanto ao credo da Igreja Católica (RUBIO, 2007: 96).

Jesus é entendido pelos maniqueus sob três aspectos ou funções, contudo trata-se de uma só entidade, cada qual recebe um nome:

1 – Jesus Esplendor ou Reino da Luz – é a-histórico, transcendente e cósmico. Ele é o Grande Pensador, ou a Grande Inteligência, encarregado de instruir a mensagem da gnose. É representado sob a forma de serpente (analogia a Genesis 3, 1-5), que desperta e livra o homem de numerosos espíritos, o retirando da alienação e dando a ele a capacidade de reconhecer sua capacidade humana, a dualidade inerente a sua condição e toma ciência da origem e destino do universo (COSTA, 2003: 64). Assim, para os maniqueus, a serpente é boa, ela tem o papel de abrir os olhos dos homens para o Demiurgo e ensinar sobre seu verdadeiro ser, sua ligação com o Divino (DE LUIS, 1986: 57).

2 – Jesus Cruz da Luz ou “Jesus Partibilis” ou Jesus Vivente ou Sofredor – não é o Jesus histórico, mas as partículas de Luz espalhadas no mundo material, e presas a matéria. É, também, a Luz cósmica, atemporal, espalhada pelo ambiente e responsável por resgatar a Luz presa a matéria. Assim, o Jesus Sofredor está no mundo material tanto preso a matéria e lutando para se libertar, quanto já solto e auxiliando a liberação. Para os maniqueus, este é o verdadeiro calvário, a paixão, de Cristo (COSTA, 2003: 65).

3 - “Jesus Cristo, o Filho do Pai, revestido numa forma humana” – profeta que antecedeu Mani e que veio preparar sua vinda. É o Jesus histórico (COSTA, 2003: 69).

Duas outras considerações devem ser feitas sobre o Cristo histórico. Primeiramente, que ele era uma das manifestações de Jesus Esplendor que se manifestou também em outros profetas como Seth, Enock, Noé, Sem, Abraão, Buda e Zoroastro, que vieram preparar a vinda de Mani (COSTA, 2003: 69).

E em segundo, que Cristo é uma emanção do espírito da Luz, o que os levava a cair no docetismo, ou seja, a dizer que o corpo de Cristo não era real, apenas aparente, e nega Seu nascimento de Maria. E para isso usam trechos do Novo Testamento no qual afirma-se que Jesus não é deste mundo. Também negam a Paixão de Cristo tal como os católicos acreditam, a verdadeira Paixão está em “*Jesus Partibulis*” preso à matéria (COSTA, 2003: 70). Consequência direta da percepção docetista maniqueísta é a rejeição de parte do Novo Testamento, da genealogia de Cristo. Para eles Cristo não havia nascido de Maria, nem descendia de Davi, muito menos havia passado pela paixão, morrido na Cruz e ressuscitado. Apesar de serem fatos históricos, o nascimento e morte de Jesus não são encarados como reais, pois são apenas um *simulacro*, que aos olhos do homem parece real (COSTA, 2003: 79 - 80).

Também não restam dúvidas de que Mani teve influência de várias correntes religiosas, como o judeu-cristianismo batista (religião praticada por Mani na infância) e de grupos gnósticos, como o de Marción e Bardesanes. Tais influências podem ser percebidas quando se analisa a vida de Mani.

Mani nasceu em 14 de Abril de 216, na aldeia rural de Nahar-Koutha, distrito de Mardinu, na Babilônia (TARDIEU, 1981: 2). A intensidade cultural e comercial da Mesopotâmia propiciou a Mani o contato com religiões gnósticas, com modelos judaico-cristãos e com o zoroastrismo (SCIBONA, 2001: 449-450).

Não há muita informação a respeito da vida de Mani, e menos ainda sobre sua família. Apenas algumas obras maniqueístas (do próprio Mani ou de seus seguidores) fazem alguma menção a sua vida antes de começar a profetizar. Contudo, existe nestes textos um grande paralelismo entre a vida de Mani e a de Jesus (TARDIEU, 198: 2).

Da mesma forma que pela tradição cristã Jesus descende da nobreza, Mani pertence a dinastia dos Arsácidas, família imperial do Irã, por parte de Pattig, seu pai. Quanto a mãe, seu nome parece ter sido retirado do cristianismo: Maryam (DECRET, 1972: 45-46). A descrição de sua infância também se assemelha com a de Cristo: filho único e devido seu nascimento seu pai foi obrigado a emigrar de Hamadan para al-Mada'in e dali para Nahar-Koutha (TARDIEU, 1981: 2).

A participação de Maryam na criação do filho é muito pequena, aparentemente, ela esteve

com ele apenas enquanto era preciso, após este período Mani é levado pelo pai para sua comunidade (DECRET, 1972: 48). Pattig frequentava uma “casa de ídolos”, antes do nascimento de seu filho, quando ouviu uma voz pedindo para se abster de carnes e vinhos e manter a continência sexual, o fato se repetiu três vezes, até que mudou de religião. Passando a fazer parte de um grupo mughtasila (al-mughtasila) ou em grego batistas também chamados de Sabeus, que seguia a lei religiosa do Livro de Elchasai, Pattig cumpria a ordem da voz que ouvira. (COSTA, 2003: 27-28).

Os Batistas não ingeriam bebidas fermentadas nem carnes. Apenas podiam consumir os legumes provenientes da própria comunidade, que eram antes batizados. Os alimentos deveriam ser colhidos naturalmente, sem serem plantados ou a terra arada. Apenas o pão judeu (pão cru) poderia ser consumido, o grego (pão assado) era proibido, pois passava pelo fogo, considerado um instrumento diabólico em contraste com a água, que purificava. Os iniciados eram batizados, e o banho era aconselhado como instrumento de purificação do corpo e da alma (COSTA, 2003: 28 – 29).

Durante vinte e quatro anos Mani viveu na comunidade Batista. Aos doze anos, ocorre a primeira visita do anjo mensageiro da Luz, que anuncia as primeiras Boas Novas de sua religião. A partir deste momento Mani passa a discutir com os Batistas sobre a necessidade do batismo aos vegetais, para ele a prática não purificava nada, apenas a abstinência alimentar diminuía a quantidade de impurezas consumidas (TARDIEU, 1981: 11). As distinções entre o pão grego e judeu e os legumes (provenientes ou não da comunidade) também são questionadas. Mais uma vez, tem-se a relação entre a vida de Jesus e de Mani, ambos discutiram com as autoridades de sua comunidade ainda meninos (COSTA, 2003: 33-34).

Aos 24 anos, tem-se a segunda aparição do anjo à Mani. Dois anos depois ele começa a pregar sua nova religião. De acordo com a tradição Maniqueísta ele recebe a ordem de sair de entre os Batistas, contudo, sabe-se que por conta de sua controvérsia ele é “excomungado”, pois representava um risco para a coesão da comunidade. Mani parte acompanhado de três discípulos: seu pai, e dois jovens, Siméon e Abizachias (DECRET, 1974: 58-60). Mani inicia sua missão de anunciar pelo mundo suas ideias. Segundo Costa (2003: 35), o maniqueísmo nasce como uma religião de missão e não de contemplação. É aos pouco que Mani percebe a necessidade de pôr no papel a sua doutrina. Ele percorre a Ásia, China e Índia pregando a nova fé.

Mani se apresenta como o executor da revelação, como aquele que veio para esclarecer, utilizando-se da linguagem do Evangelho, sobre: a aproximação dos fins dos tempos, a manifestação da chegada do Juízo Final, por meio do anúncio da boa nova e sua eleição para o apostolado. Ou seja, esclarece sobre a nova igreja para aqueles que estão preparados para receber a boa nova pelo apóstolo escolhido. Mani se diz o Paracleto anunciado por Cristo (TARDIEU, 1981: 14 -16). A grande inovação do Maniqueísmo está em acolher não apenas a tradição cristã, mas também a Budista e Zoroastrista, tornando-se assim uma religião com uma profecia universalista. Mani considera como Profetas Noé Seth, Adão Buda, Zoroastro e Jesus, contudo ele é profeta final, que veio revelar toda a verdade (TARDIEU, 1981: 17).

Segundo João 16, 7, Jesus anuncia a vinda de um Paracleto (Redentor) que revelará toda a verdade. O Paracleto está em Mani, e fala por meio dele. Mani sendo de carne e osso não pode ser o Redentor, é o receptor. Mani não era o Paracleto, mas nele estava o Paracleto, assim como em Jesus estava o Espírito Santo, contudo neste o Espírito Santo se apresentou desde o nascimento (DE LUIS, 1986: 27).

O rei Persa Shâpúr I, adepto da religião Mazda, expulsa Mani de sua terra natal e este se dirige para a Índia, onde estabelece uma comunidade entre os cristãos (segundo a tradição, convertidos pelo apóstolo Tomé em sua jornada pelo oriente), e também consegue adeptos na nobreza. Também foi possível o contato com o budismo. A missão no Oriente terminou em 243 em Turfan, de onde retornou para a Pérsia. Em 253 Mani conseguiu uma audiência com o “Rei dos reis” na qual obteve salvo conduto para manter sua religião. A partir deste momento conseguiu organizar sua igreja e distribuir seus discípulos pelas quatro regiões do mundo (TARDIEU, 1981: 20-23).

Em 272 Shâpúr I morre e seu filho Hormizd I assume o trono. Aproveitando-se da simpatia do novo rei por sua fé, Mani estabelece na capital, Sassanid o centro de sua religião. Mas, pouco tempo depois o rei morre e seu irmão Bahrâm I assume. Adepto do zoroastrismo Bahrâm o estabelece como religião de estado. Aproveitando-se do momento favorável, os sacerdotes, em especial Kartês, que era próximo ao rei, iniciam a campanha contra Mani (DECRET, 1974: 65).

Mani foi capturado. Seu fim é discutível, de acordo com Tardieu (1981: 29) é bastante provável que tenha morrido na prisão já com sessenta anos e cansado de tantas viagens. Segundo Costa (2003: 36), a tradição maniqueísta contava que Mani havia morrido

crucificado e esfolado no dia 26 de fevereiro de 277, tendo sua pele exposta em um templo. Esta versão é bastante contestada, por ser bastante semelhante a morte de Jesus. De qualquer forma, nesta data os maniqueus comemoram a Bêma ou “paixão de Mani”.

Por meio da narrativa da trajetória de Mani é possível perceber as diversas influências religiosas com as quais ele conviveu desde a infância. Sendo o Cristianismo a principal, mas não única. O maniqueísmo foi uma religião com pretensões universais que congregou elementos diversos formando uma doutrina de forte caráter ascético.

Referências bibliográficas:

ALFARIC, Prosper. **Écritures manichéennes**. Paris: Emile Nourry, 1918

COSTA, Marcos Roberto Nunes. **Maniqueísmo: Filosofia e Religião**. Petropolis: Vozes 2003

BEAUSOBRE, Isaac. **Histoire critique de Manichée et du manichéisme**. Amsterdam: chez J. Frédéric Bernard, 1734.

Verbete Maniqueísmo. In: BERGIER, Abate. **Diccionario de Teologia**, 1846.

DE LUIS, Pio. Introducción General – San Agustín y el maniqueísmo. In: **Obras completas de San Agustín** – Escritos Antimaniqueos I. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 1986.

DECRET, François. **Mani et la tradition manichéenne**. Paris: Seuil, 1974.

PUECH, Henri-Charles. Manichéisme. In: **Enciclopedia Universalis**. Paris: Enciclopedia Universalis France, 1990, p. 436-446.

RUBIO, Fernando Bermejo. Factores cristianos em el maniqueísmo: *status quaestionis (christiano-manichaica i)*. In: **Revista catalana de teologia**. Vol. 32, Nº 1, 2007.

SCIBONA, Conceta. How monotheistic is mani's dualism? : Once more on monotheism and dualism in manichaeen gnosis. In: *Numen*, Brill, Vol. 48, No. 4, 2001

TARDIEU, Michel. **Manicheism**. Chicago: University of Illinois Press, 2008.